



FACULDADE DE GOIANA – FAG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

JULIA CIRINO ORLANDO MARTINS

**DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ENFERMEIROS NA IMPLEMENTAÇÃO
DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO PROGRAMA SAÚDE NA
ESCOLA**

GOIANA
2025

JULIA CIRINO ORLANDO MARTINS

**DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ENFERMEIROS NA IMPLEMENTAÇÃO
DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO PROGRAMA SAÚDE NA
ESCOLA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Enfermagem, da Faculdade de Goiana - FAG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho.

GOIANA

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FAG – Faculdade de Goiana,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M386a Martins, Julia Cirino Orlando

Dificuldades enfrentadas por enfermeiros na implementação da educação sexual para adolescentes no programa saúde na escola. Julia Cirino Orlando Martins. – Goiana, 2025.

30f. il.:

Orientador: Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho.

Monografia (Curso de Graduação em Enfermagem) Faculdade de Goiana.

1. Enfermeiro. 2. Educação sexual. 3. Adolescentes. I. Título.

BC/FAG

CDU: 616-053.2

JULIA CIRINO ORLANDO MARTINS

**DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ENFERMEIROS NA IMPLEMENTAÇÃO
DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO PROGRAMA SAÚDE NA
ESCOLA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Enfermagem, da Faculdade de Goiana - FAG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Goiana, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim da Silva Marinho (Orientadora)
Faculdade de Goiana

Prof. Me. Fábio Formiga Nitão (Examinador)
Faculdade de Goiana

Profa. Esp. Nikaela Gomes da Silva (Examinadora)
Faculdade de Goiana

Dedico esse trabalho a Deus que nunca me abandonou, a Nossa Senhora que intercede pela minha vida, a minha família que me ama incondicionalmente e me apoia sempre. A todos que acreditaram em mim, mesmo quando eu mesma duvidei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Maria Elizabete, que foi luz durante todo processo de construção desse trabalho, agradeço por me incentivar e me ajudar a concluir-lo.

Agradeço aos meus amigos, Taymenne Lorrane, Breno Gomes, Erlania Maria e Johyce Galdino por tornarem a caminhada da graduação mais leve e significativa.

A todos os professores por cada ensinamento transmitido e pela contribuição na minha formação profissional e pessoal. Em especial, ao professor Hélio, pela sua amizade.

Agradeço ao meu namorado, Vinicius, por me fazer ver como eu sou incrivelmente capaz e me apoiar sempre.

Ao meu avô Bandeira, que mesmo no céu, contribuiu para minha formação.

As minhas amigas, Micaelly Maria, Eduarda Andrade e Giselly Ribeiro, por cada conversa, incentivo e momento de descontração que diminuem o peso da vida adulta.

E finalizo agradecendo aos meus pais, por nunca me deixarem faltar nada e muito mais que isso, por serem meus maiores incentivadores. Obrigada por todos os valores e princípios transmitidos e por sempre me mostrarem que a educação é o caminho para o futuro. Tudo o que conquistei até aqui, é reflexo da base que vocês me proporcionaram.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Atenção básica
APS	Atenção Primária à Saúde
BDENF	Base de Dados de Enfermagem
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papilomavírus Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecções Sexualmente transmissíveis
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	<i>Medical Literature Analysis and Retrieval System Online</i>
MS	Ministério da Saúde
PenSE	Pesquisa Nacional de Saúde Escolar
PSE	Programa Saúde na Escola
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1	Educação em saúde e a escola como um lugar de construção de conhecimento	11
2.2	A adolescência e o início da vida sexual precoce	12
2.3	Papel do enfermeiro na promoção da educação sexual	14
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
4	RESULTADOS	18
5	DISCUSSÃO.....	20
5.1	O adolescente como protagonista e a participação familiar	20
5.2	Fragilidade na intersetorialidade entre saúde e educação.....	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	25

DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ENFERMEIROS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

Julia Cirino Orlando Martins¹

Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho²

RESUMO

A educação é a base para o desenvolvimento de uma sociedade consciente e crítica. O Programa Saúde na Escola é uma política que visa ajudar na formação dos estudantes por meio de ações de prevenção e promoção à saúde. A adolescência é uma fase cheia de transformações e descobertas, o que torna a educação sexual uma ferramenta fundamental na promoção da saúde, e construção de atitudes responsáveis. É papel do enfermeiro realizar parcerias com outros serviços, promover rodas de conversas, observar possíveis problemas e planejar métodos para resolvê-los, incentivar a analisar as fontes de informações e levantar dados que possam contribuir para o aprimoramento dos profissionais e criação de estratégias para melhorar a atuação nessa temática. Objetivou-se compreender as dificuldades enfrentadas por enfermeiros na implementação da educação sexual para adolescentes no Programa Saúde na Escola. Trata-se de um estudo do tipo Revisão Integrativa da Literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. A pesquisa dos sete artigos selecionados, ocorreu nas bases de dados: SciELO, MEDLINE, BDENF e LILACS, com os Descritores em Ciências da Saúde: “Enfermeiro”, “Educação Sexual” e “Adolescentes”. Evidenciou-se os seguintes desafios enfrentados pelos enfermeiros na implementação da educação sexual para adolescentes, sendo eles: falta de articulação intersetorial, influência de barreiras culturais e religiosas, oferta de informação desfavorável, educação de baixa qualidade, ausência de políticas de educação permanente, ausência do público jovem nos serviços de saúde, capacitação em saúde sexual e não adesão dos adolescentes ao programa. A escola é um espaço indispensável para a formação de conhecimentos e valores. É um local de convívio social, descobertas e transformações. Nesse contexto, a educação sexual é apresentada como instrumento para um desenvolvimento seguro. A atuação do enfermeiro é importante, uma vez que ele atua como orientador e educador, proporcionando conhecimento científico, com sensibilidade ética para desenvolver ações educativas que promovam informação, autoconhecimento, autonomia e o exercício responsável da sexualidade.

Palavras-chave: enfermeiro; educação sexual; adolescentes.

ABSTRACT

Education is the foundation for the development of a conscious and critical society. The School Health Program is a policy that aims to help in the education of students through actions of prevention and health promotion. Adolescence is a phase full of transformations and discoveries, which makes sex education a fundamental tool in promoting health and building

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade de Goiana-FAG. E-mail: juliacirinoo3@gmail.com

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Goiana – FAG. E-mail: elizabteamorim.enf@gmail.com

responsible attitudes. It is the nurse's role to partner with other services, promote discussion groups, observe potential problems and plan methods to solve them, encourage the analysis of information sources and gather data that can contribute to the improvement of professionals and the creation of strategies to improve performance in this area. The objective was to understand the difficulties faced by nurses in implementing sex education for adolescents in the School Health Program. This is an integrative literature review study, with a qualitative approach and descriptive character. The search for the seven selected articles was conducted in the following databases: SciELO, MEDLINE, BDENF and LILACS, using the health science descriptors: "Nurse," "Sex Education," and "Adolescents." The following challenges faced by nurses in implementing sex education for adolescents were highlighted: lack of intersectoral coordination, influence of cultural and religious barriers, provision of unfavorable information, low-quality education, absence of continuing education policies, absence of young people in health services, training in sexual health, and non-adherence of adolescents to the program. School is an indispensable space for the formation of knowledge and values. It is a place of social interaction, discoveries, and transformations. In this context, sex education is presented as an instrument for safe development. The nurse's role is important, since they act as a guide and educator, providing scientific knowledge with ethical sensitivity to develop educational actions that promote information, self-knowledge, autonomy, and the responsible exercise of sexuality.

Keywords: nurse; sex education; adolescent.

1 INTRODUÇÃO

Reconhecida como primeiro nível de atenção no sistema de saúde brasileiro, a Atenção Básica (AB), tem como objetivo coordenar o cuidado e organizar a Rede de Atenção à Saúde. A educação em saúde é uma peça importante na AB, que influencia os determinantes sociais de saúde e fundamentos da educação. Tem o foco em atuar na prevenção de doenças e promoção de saúde, transmitindo conhecimento, estimulando a autonomia, participação popular e protagonismo do indivíduo no próprio cuidado (Fittipaldi; O'Dwyer; Henriques, 2021).

Criado em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto nº 6.286/2007, é uma política que visa ajudar na formação de crianças, jovens e adultos, por meio de ações de prevenção e promoção a saúde. Sendo assim, as equipes de saúde da família realizam visitas periódicas às escolas participantes do programa, para avaliar as condições de saúde e proporcionar o atendimento ao longo do ano letivo, de acordo com as necessidades dos educandos (Brasil, 2007).

A adolescência é um período de transformação e amadurecimento, levando a novas descobertas e desencadeando mudanças físicas, psicológicas e hormonais (Domingos; Santana; Zanatta, 2021). A sexualidade na adolescência é vista como um problema de saúde pública, pois a divulgação cada vez mais frequente nos meios de comunicação social de assuntos relacionados ao sexo tem levado a sua banalização (Silva *et al.*, 2020).

Estudo aponta uma forte associação entre o início precoce da vida sexual e outros acontecimentos, como uma gravidez não planejada, exposição a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), infecção pelo papiloma vírus humano (HPV) e outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), abortos clandestinos e violência sexual. Situações estas, em que os próprios serviços de saúde e educação tem dificuldade em tratar com universalidade (Oliveira *et al.*, 2022).

Estima-se que no mundo, a cada 1.000 nascimentos, 46 são de gravidez na adolescência. As taxas de gravidez na adolescência na América Latina se mantêm, sendo a segunda mais alta do mundo (Organização Pan-Americana de Saúde, 2018). No Brasil, um a cada cinco nascimentos, é fruto de mãe adolescente, com índice de 65 gestações para cada 1.000 meninas entre 15 e 19 anos. No ano de 2018, em Pernambuco, 18% do total dos nascidos vivos eram filhos de adolescentes. Em meninas com idade entre 10 e 14 anos, foram registrados 1.222 (0,89%) de neonatos (Silva; Araujo; Carvalho, 2021), o que reforça a necessidade da ampliação das ações de educação sexual nas escolas.

Segundo dados do Ministério da Saúde (MS) do Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS de 2022, foram registrados 28.967 casos de infecção em pessoas com idade entre 15 e 39 anos pelo vírus (Agência Brasil, 2023). Na faixa etária entre 14 e 29 anos, foram 38%. Nesse grupo, 82% dos casos foram homens, 56% com formação até o ensino médio e com formação superior são 26 % (Prefeitura de Recife, 2022).

O distanciamento, por medo ou vergonha, a ausência de diálogos abertos no ambiente familiar, levam os adolescentes a buscarem informações em fontes, na maioria das vezes, não seguras, não confiáveis (Castro *et al.*, 2023). Nesse contexto, reforça-se a atuação da equipe da atenção primária no PSE, especialmente o enfermeiro, pois sua atuação pode ajudar na tomada de decisões acertadas, baseadas em informações confiáveis, considerando o contexto, as necessidades e emoções, de modo que o jovem possa viver a sexualidade com autonomia e segurança (Barbosa, 2021)

É fundamental a atuação do enfermeiro para promover prevenção e promoção da saúde, por meio do vínculo com a comunidade, promover ações educativas, fortalecer a Atenção Primária à Saúde e facilitar o acesso aos serviços de saúde de toda a população (Silva *et al.*, 2023). Porém, recursos humanos e materiais escassos, ausência de planejamento, dificuldade na elaboração de ações, falta de especialidade, sobrecarga de atividades dentro dos serviços, são algumas das dificuldades vivenciadas pelo profissional de enfermagem no PSE em relação à educação sexual (Baroni; Silva, 2022).

Destaca-se então, a importância da realização de estudos que evidenciem tal realidade, a fim de ampliar as ações de educação sexual na escola, para que os adolescentes tenham mais conhecimento sobre o tema, e possam fazer escolhas conscientes, com menos consequências e capazes de traçar um futuro pleno para as suas vidas.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender as dificuldades enfrentadas por enfermeiros na implementação da educação sexual para adolescentes no Programa Saúde na Escola. E, como objetivos específicos: identificar as principais barreiras enfrentadas pelos enfermeiros na abordagem da educação sexual com adolescentes no âmbito do Programa Saúde na Escola; analisar as percepções dos enfermeiros sobre sua formação e preparo para trabalhar temas relacionados à sexualidade na escola; e, explorar estratégias utilizadas pelos enfermeiros para superar os desafios na implementação da educação sexual no contexto escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Educação em saúde e a escola como um lugar de construção de conhecimento

O Ministério da Saúde do Brasil define educação em saúde como o processo de construção de conhecimento em saúde, que visa à aprimoração temática pela população. Práticas essas, que contribuem para aumentar a autonomia das pessoas em seus cuidados e facilita para que profissionais e gestores possam realizar uma atenção em saúde de acordo com as necessidades da comunidade (Brasil, 2006).

A educação em saúde é uma abordagem que visa ampliar e qualificar a participação social, um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, bem como pelas Leis Orgânicas da Saúde (8.080/90 e 8.142/90). No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), ela se manifesta por um conjunto de ações e práticas voltadas à promoção de saúde, tanto no nível individual quanto coletivo. Essa abordagem é caracterizada pela integração e colaboração entre diferentes setores, além de ser fundamental para a construção da Rede de Atenção à Saúde. A proposta busca se conectar com as outras redes de proteção social, promovendo a participação ativa e o controle social amplo (Brasil, 2015).

A porta de entrada e primeiro ponto de atenção preferencial do SUS, é a Atenção Primária à Saúde (APS), que é responsável por ordenar os fluxos de pessoas e informações de todos os pontos de atenção à Saúde. A APS reconhece cada pessoa em sua singularidade e meio sociocultural, procurando produzir atenção integral e englobar as ações de vigilância

à saúde, a qual ajuda no processo permanente e sistêmico de consolidação, coleta, análise e disseminação de dados relacionados à saúde, além de ser responsável por planejar e implementar ações públicas para prevenção, controle de riscos, agravos de doenças, proteção a vida da população e promoção da saúde, por meio de políticas (Brasil, 2017).

Instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), é uma política que liga saúde e educação, com foco em crianças, adolescentes e adultos em educação escolar, que visa promover atenção integral à saúde dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (Brasil, 2007).

O PSE está sempre em movimento de aplicação, com um cenário se expandindo cada vez mais no Brasil e sendo o programa principal focado para atenção à saúde dos estudantes, dado seu caráter de ações intersetoriais. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na faixa etária de 6 a 14 anos, 99,7% frequentam a escola na educação básica, sendo notável a importância e a cobertura potencial desse programa. Visto que a atuação conjunta de saúde e educação, com a participação da comunidade e de estudantes, facilitam ações que abordam a vulnerabilidade social, no processo saúde doença (Rumor *et al.*, 2022).

A escola, que é um lugar de referência para a comunidade, está entre os espaços em que o trabalho em saúde precisa ser desenvolvido, lugar no qual há o acesso a informações, de desenvolvimento e de construção de respostas sociais, como a capacidade de fortalecer o interesse dos indivíduos em busca a uma vida mais saudável e o de exercer a cidadania. Dessa forma, torna-se um local ideal para que se possa identificar os agravos, abordar prevenção de doenças, incentivo a comportamentos saudáveis e a promoção de educação em saúde, desde os primeiros anos escolares (Lima *et al.*, 2019).

2.2 A adolescência e o início da vida sexual precoce

Compreendida como a etapa da vida entre a infância e a fase adulta, a adolescência é marcada por processos complexos de desenvolvimento biopsicossocial e de crescimento. Segundo a lei brasileira, são considerados adolescentes aqueles que se encontram na faixa etária de 12 a 18 anos. Sendo um fenômeno único, a adolescência é marcada por influências socioculturais, que vão se reformulando e se concretizando constantemente, o caráter social, ideológico, sexual, de gênero e vocacional (Brasil, 2018).

É um momento de afastamento das características infantis e de transição, que contribui para o amadurecimento da personalidade, liberdade de escolha e de expressão, autonomia,

identidade e independência. Durante esse processo de transição, aparece a vontade de novas descobertas, que remetem o papel de enfrentar e tomar decisões na criação de responsabilidades. Destacando-se pela vontade constante de ser independente, o jovem começa a adotar atitudes de risco, ficando na maioria das situações desorientado e vulnerável nas questões de modificações neste período, essencialmente no que se refere aos comportamentos sexuais (Nascimento *et al.*, 2022).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2019, mostrou que entre os estudantes de 13 a 17 anos, 35,4% já tiveram relação sexual alguma vez na vida. E 36,6% desses jovens, tinham 13 anos ou menos na primeira atividade sexual (Brasil, 2022). Vários estudos mostram que o início da vida sexual de forma precoce, acarreta prejuízos na vida desses jovens, como o aumento do risco de uma gravidez não planejada e de infecções sexualmente transmissíveis (IST), além de torná-los suscetíveis ao desenvolvimento de enfermidades psicológicas, sociais e emocionais. É possível ainda associar o início precoce da vida sexual ao acontecimento de abuso sexual, diminuição da saúde psicológica geral e física, vitimização, redução da qualidade dos relacionamentos e instabilidade emocional (Brasil, 2022).

Em 2020, o Brasil registrou taxas de gravidez na adolescência superiores à média global, que era de 41 casos para cada grupo de mil adolescentes. No país, a proporção foi de 53 adolescentes mães a cada mil jovens brasileiras (UNFPA, 2021). A gravidez na adolescência pode gerar muitas mudanças na vida da jovem, como a maior dificuldade em concluir os estudos, devido aumento da responsabilidade relacionada ao empenho na criação do filho, muitas vezes, sem ter ajuda da família, gerando sobrecarga física, psicológica e social. A gravidez não planejada também pode contribuir negativamente para as perspectivas de projeto de vida, com a perpetuação do ciclo da pobreza, falta de lazer, emprego e a busca por melhores condições de vida (Moreira *et al.*, 2025).

As estatísticas mostram que 1/3 dos portadores de HIV/AIDS são pessoas de 10 a 24 anos, esse alto índice de disseminação está relacionado à não utilização ou ao uso incorreto de preservativo, camisinha - tanto a feminina quanto a masculina. Tal realidade, tornam as ISTs um problema de saúde pública mundial (Ciriaco *et al.*, 2025). Quando se trata de população jovem, o tema da AIDS e da prevenção do HIV é ainda menos presente, pois, em geral, não faz parte dos assuntos discutidos nas redes e mídias sociais que eles seguem ou acessam (Kanth; Pitecco, 2024).

Segundo estudo, dentro dos prováveis fatores para a alta taxa de transmissibilidade de ISTs, destacam-se o consumo de álcool, tabaco e drogas, aumento do número de parceiros, o

pouco conhecimento dos aspectos de prevenção em educação sexual e relação sexual sem preservativo, que mesmo sendo inquestionáveis seus benefícios para prevenção de ISTs, ainda existe uma banalização, crenças de invulnerabilidade às infecções, desconforto, a não concordância do parceiro em utilizar o método, menos sensação de prazer e dificuldade de ejaculação durante o uso do preservativo (Moreira *et al.*, 2022).

Nos últimos anos, devido ao desenvolvimento tecnológico houve um aumento na disponibilidade de informações de conteúdo sexual na internet. Apesar do maior acesso à informação, o déficit de conhecimento dos adolescentes a respeito dos métodos contraceptivos, da prevenção de ISTs e das questões sobre a sexualidade persiste e representa um problema atual e pertinente. Os adolescentes, apesar de sua habilidade em tecnologia, são vulneráveis no que diz respeito às escolhas das informações ofertadas livremente (Miranda; Souza, 2022).

2.3 Papel do enfermeiro na promoção da educação sexual

A promoção da saúde é um conceito em que busca uma relação harmoniosa que possibilita viver com qualidade. Ela lida com estilos de vida, autonomia, mobilização comunitária, que rompe os individualismos fortalecendo as ações em conjunto, compartilhando saberes técnicos, criando estratégias eficazes para abordagem de problemas de saúde a favor do desenvolvimento humano (Brasil, 2006).

A enfermagem assume um lugar cada vez mais eficiente e proativo no que diz respeito a identificação das necessidades de cuidado da comunidade, bem como prevenção, promoção e proteção da saúde da população e suas diferentes demandas. O enfermeiro, tem por essência cuidar do ser humano em todas as suas dimensões, em conjunto ou individual, de forma holística e integral e é capacitado para atuar em diferentes espaços sociais, tais como: na gestão, pesquisa, atenção, controle social e ensino, formando ações educativas de promoção a saúde das famílias e comunidades (Backe *et al.*, 2012).

Nesse cenário, o enfermeiro tem competência e habilidade para desenvolver atividades de planejamento em saúde, solucionar problemas, conhecer e identificar fatores de risco, avaliar nível de conhecimento, incentivar autonomia e promover aprendizado em relação ao bem-estar, proporcionando educação em saúde, contribuindo para comportamentos saudáveis e incentivando o despertar de interesses em analisar fontes de informações (Dos Anjos *et al.*, 2022).

Com um potencial de proporcionar atividades voltadas para a educação sexual, a escola, envolvendo a família e a comunidade, pode compartilhar conhecimento para

prevenção de doenças e infecções, contribuindo para um aprendizado total, fazendo-se necessário estabelecer currículos pedagógicos e uma equipe capacitada nos estabelecimentos de ensino. O enfermeiro tem como conduta elaborar métodos eficazes, usando uma abordagem adequada, ignorando críticas e preconceitos, usando meios didáticos e linguagem diferenciada, oferecendo ensinamentos e entendimento aos alunos (Costa *et al.*, 2022).

A educação sexual nas escolas, é uma temática importante e tem como objetivo colocar a conversa sobre sexo seguro dentro da sala de aula. Nesse contexto, o enfermeiro no papel de educador em saúde, através de um trabalho de orientação, permitindo que os adolescentes entendam, compreendam e interfiram no seu próprio processo de saúde doença. Por isso, a junção educação e saúde, permite que o enfermeiro atue identificando os problemas e prestando a assistência adequada, diminuindo os riscos desnecessários para a saúde dos jovens (Batista *et al.*, 2021).

Apesar de todos os benefícios que o PSE oferece, ele ainda apresenta muitas dificuldades e desafios, como: acúmulo de tarefas dos profissionais da área da saúde, insuficiência de recursos financeiros, humanos, materiais e estruturais, falta de articulação entre educação e saúde, excesso de burocracia, despreparo dos profissionais, ações fragmentadas, pontuais e limitadas, metodologias pouco participativas, práticas com estratégias educativas que vão além de palestras, adolescentes pouco participativos, impossibilidade de identificar problemas e agravos de saúde, infraestrutura inapropriada, ausência de apoio das secretarias, não adesão de pais e responsáveis as ações realizadas no PSE. Essas dificuldades e desafios são um retrato da fragilidade na articulação entre educação e saúde, um ponto importante que interfere na real efetividade do PSE (Monte *et al.*, 2024).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que é um método de encopar informações e sintetizar resultados de estudos significativos na prática, com base nas mais atuais evidências científicas. Esse método exige a elaboração de um problema, análise de informações e apresentações de resultados. Assim, permite agrupar resultados de pesquisas de forma ordenada, favorecendo o aperfeiçoamento do conhecimento da temática abordada (Souza *et al.*, 2017).

Para a construção deste artigo, seguiu-se seis etapas: estabelecimento de hipóteses ou questão de pesquisa; amostragem ou busca na literatura; categorização dos estudos; avaliação

dos estudos incluídos na revisão de literatura; interpretação dos resultados e síntese do conhecimento ou apresentação da revisão (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

O estudo foi norteado pela seguinte questão: Quais as dificuldades enfrentadas por enfermeiros na implementação da educação sexual para adolescentes no Programa Saúde na Escola? Para assim, oferecer uma compreensão aprofundada da problemática pesquisada.

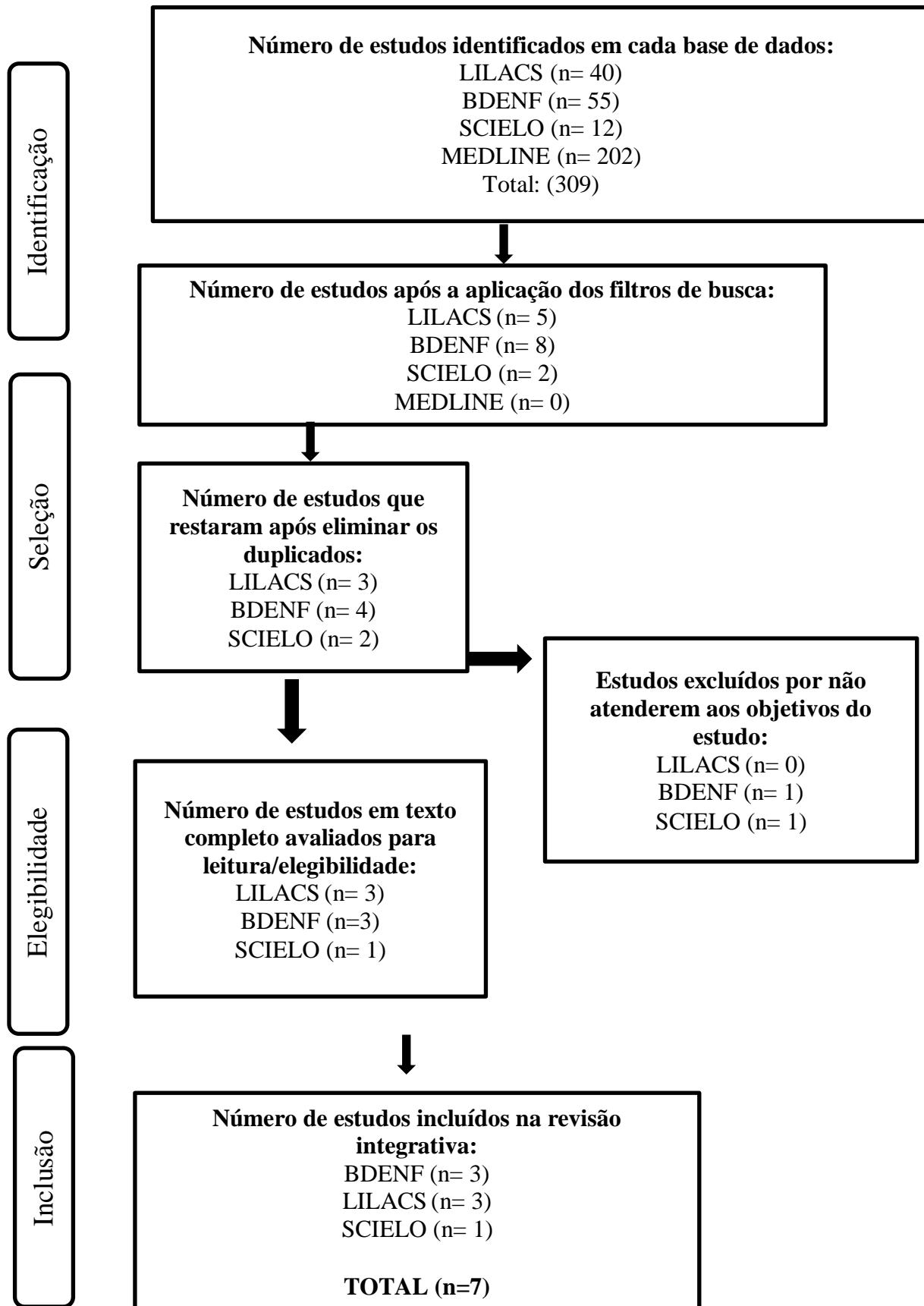
O processo metodológico utilizado foi o levantamento de informações nas bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciElo); Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline); e, Base de Dados de Enfermagem (BDENF), acessadas via portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

O procedimento de coleta dos dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2025, por meio de Descritores em Ciências da saúde (DeCS), que são eles: enfermeiro; educação sexual; adolescentes, os quais foram combinados utilizando-se o operador booleano AND.

Para a pesquisa, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão escolhidos foram: artigos disponíveis em português; textos completos na íntegra; publicados com pelo menos cinco anos (2020-2025); e que abordassem a temática proposta. Foram excluídos: artigos que cobraram para ser acessados; em outros idiomas; cartas; artigos duplicados e comentários de especialistas.

Foram identificados 309 artigos utilizando os descritores e operadores booleanos nas bases de dados. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 07 artigos, que foram lidos e analisados na íntegra, conforme demonstrado na figura 1.

Figura 1 – fluxograma de seleção de artigos



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os dados foram analisados de forma qualitativa e descritiva. Com o objetivo de compreender as experiências, dificuldades e percepções dos enfermeiros que atuam no PSE, acerca da abordagem da educação sexual com adolescentes. Após a coleta dos dados, foi realizada uma leitura seguindo uma organização temática dos conteúdos, permitindo assim a compreensão aprofundada das barreiras desses profissionais.

4 RESULTADOS

Após aplicação das técnicas de pesquisa explicadas na metodologia do estudo, foram selecionados 07 artigos, os quais foram organizados em dois quadros.

No quadro 1, os artigos selecionados nas bases de dados, foram organizados em 05 seções, sendo elas: base de dados; título do artigo; autor e ano de publicação; tipo de estudo; objetivo.

Quadro 1 - Artigos que integraram o trabalho, organizados de acordo com base de dados, título do artigo, ano, autor, tipo do estudo e objetivo. Goiana-PE, Brasil, 2025.

BASE DE DADOS	TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR ANO	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
SCIELO	Caracterização das práticas sexuais de adolescentes	Santarato <i>et al.</i> , 2022.	Estudo descritivo observacional e transversal	Caracterizar as práticas sexuais dos adolescentes e sua associação com variáveis sociodemográficas, fontes de informações e hábitos comportamentais.
LILACS	Assistência de enfermagem na prevenção da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa	Silva; Medeiros, 2023.	Revisão integrativa	Descrever a importância da assistência de enfermagem como forma de prevenção a gravidez na adolescência.
LILACS	Saúde sexual e reprodutiva nas adolescências no contexto brasileiro: indicadores, potencialidades e desafios	Santos; Roso, 2024.	Estudo de revisão integrativa	Analizar como tem sido abordada a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes no Brasil em artigos científicos.
LILACS	Educação em saúde sexual e reprodutiva na adolescência	Morais <i>et al.</i> , 2020.	Descritivo, do tipo relato de experiência	Relatar a experiência de discentes de enfermagem em oficinas com foco na saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.
BDENF	Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar	Franco <i>et al.</i> , 2020.	Estudo descritivo do tipo relato de experiência	Relatar a experiência de estudantes do Curso de Enfermagem na implementação de intervenções educacionais para a promoção da saúde sexual e

				reprodutiva do adolescente escolar.
BDENF	Promoção da Saúde em meio escolar: O enfermeiro e a e-Educação para a Sexualidade de Adolescentes	Medronheira, 2020.	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa	Identificar as percepções dos adolescentes sobre sexualidade
BDENF	Promoção da saúde nos adolescentes: a educação sexual em contexto escolar	Ermitão, 2020	Estudo descritivo, exploratório e qualitativo	Desenvolver um diagnóstico de situação e contribuir para o conhecimento dos adolescentes do 9º ano de uma escola da área de intervenção de uma escola, no âmbito da educação sexual,

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No quadro 2, apresentado abaixo, os estudos foram categorizados em duas seções: título do artigo e resultados encontrados mediante a questão de norteadora do presente trabalho.

Quadro 2 – Artigos que integraram o estudo, categorizados em: título do artigo e os principais resultados encontrados. Goiana-PE, Brasil, 2025.

(continua)

Título do artigo	Resultados encontrados
Características das práticas sexuais de adolescentes	Relutância em abordar a sexualidade, influência de barreiras culturais e religiosas, falta de abertura familiar e de espaço onde os adolescentes se sintam seguros e acolhidos, oferta de informações desfavoráveis, pontos sensíveis para a elaboração de intervenções para a promoção da saúde do adolescente.
Assistência de enfermagem na prevenção de gravidez na adolescência: uma revisão integrativa	Menos utilização dos adolescentes aos serviços de saúde, falta de estrutura e recursos logísticos e sociais, dificuldade para desenvolver ações educativas voltadas à saúde sexual dos adolescentes, acesso a uma educação de baixa qualidade, falta de habilidade de comunicação dos enfermeiros, falta de investimento em educação sexual a fim de estimular o acesso à informação.
Saúde sexual e reprodutiva nas adolescências no contexto brasileiro: indicadores, potencialidades e desafios	Falta de noção dos direitos sexuais e reprodutivos, discursos de cunho conservador e religioso, falta de um espaço onde o adolescente se sente seguro, falta de diálogo com a família, dificuldade ao acesso a informações corretas, falha nas políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva e precariedade de recursos humanos treinados para esse tipo de atendimento.
Educação em saúde sexual e reprodutiva na adolescência	Necessidade de implementação de estratégias educativas, falta de um vínculo forte entre as escolas e as equipes, mitos que colaboram para uma imagem errada sobre sexo, falta de conhecimento sobre a estrutura anatômica de seus corpos, ausência do público jovem aos serviços de saúde.

Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar	Capacitação em saúde sexual, carência de ações, atividades pontuais, sem foco específico, falta de conhecimento da temática, lacunas acerca das discussões e realização de novos estudos.
Promoção da saúde em meio escolar: o enfermeiro e a educação para a sexualidade de adolescentes	Barreiras relacionadas a natureza sensível da temática, desconhecimento e falta de informação dos adolescentes, integração limitada entre escola e serviço de saúde, recursos tecnológicos limitados.
Promoção da saúde nos adolescentes: a educação sexual em contexto escolar	Baixa adesão dos adolescentes, barreiras no processo educativo, ansiedade relacionada a falta de privacidade, receio de se sentirem expostos.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As discussões do trabalho foram separadas em três categorias, sendo elas: 5.1 O adolescente como protagonista e a participação familiar. 5.2 Fragilidade na intersetorialidade entre saúde e educação; 5.3 Falta de capacitação e preparo dos profissionais de enfermagem;

5 DISCUSSÃO

5.1 O adolescente como protagonista e a participação familiar

Em seu estudo, Santarato *et al.* (2020) demonstram a dificuldade de promover cuidado integral à saúde do adolescente, destacando que, embora a família seja o principal alicerce formador do indivíduo, na maioria das vezes existe uma resistência em abordar questões sobre sexualidade. Barreiras culturais, morais ou religiosas limitam o diálogo e dificultam a construção de espaços seguros para retirada de dúvidas e compartilhamento de experiências. Essa falta de diálogo no meio familiar pode levar o jovem a buscar conhecimento de forma autônoma, em fontes não confiáveis, o que aumenta os riscos e o início da vida sexual precoce.

Nesse contexto, torna-se essencial o entendimento do adolescente como protagonista do seu próprio cuidado, valorizando a capacidade de tomar decisão e responsabilidade nas ações de cuidados à própria saúde. O enfermeiro, no papel de educador e agente de transformação social, pode atuar como intermediário desse processo, incentivando a participação ativa dos jovens nas ações educativas e sua autonomia, de modo a fortalecer o discernimento e a construção de atitudes e comportamentos saudáveis (Santarato *et al.*, 2020).

Morais *et al.* (2020) também trazem em seu estudo que muitos adolescentes não têm conhecimento de suas próprias estruturas anatômicas e fisiológicas reprodutivas, bem como de

métodos de prevenção de IST's. Essa falha de informações reflete não apenas a insuficiência das ações educativas no meio escolar, mas também a falta de diálogos abertos e construtivos sobre sexualidade no contexto social, familiar e nos serviços de saúde. Os autores também destacam que os adolescentes, em sua maioria, não frequentam os serviços de saúde, às vezes por vergonha, medo de julgamento, desconhecimento de seus direitos ou pela falta de segurança e acolhimento para as suas necessidades específicas.

Esse distanciamento entre o jovem e os serviços de saúde atrapalha a promoção de saúde e prevenção de riscos, comprometendo o autocuidado e prática da autonomia sobre o próprio corpo. Reforçando assim, a importância de tornar esse adolescente o protagonista do próprio processo de cuidado. Nesse contexto, o profissional de enfermagem é crucial para aproximar esse jovem, por meio de uma abordagem educativa, participativa e empática, com a capacidade de despertar a vontade, interesse, reflexão e responsabilidade desses adolescentes em relação a própria saúde reprodutiva e sexual (Morais *et al.*, 2020).

5.2 Fragilidade na intersetorialidade entre saúde e educação

Morais *et al.* (2020) defendem a necessidade de implementação de estratégias educativas pautadas na atuação conjunta entre educadores e profissionais da saúde, com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade dos adolescentes na questão de sexualidade. Tornando-se indispensável o fortalecimento do vínculo entre escola e equipe de saúde, bem como a integração de políticas públicas que assegurem um atendimento integral a saúde sexual da população jovem.

Essa justificativa corrobora com os resultados encontrados por Medronheira (2020), que em seu trabalho fala sobre a baixa adesão das equipes das escolas em agendar atividades voltadas a educação sexual, destacando como principais dificuldades as frequentes desmarcações de reuniões e desinteresse dos gestores em ajustar os horários escolares para execução das atividades do PSE. Além disso, a autora aponta a ausência de engajamento por parte do quadro de professores, que regularmente se abstêm em colaborar com as ações propostas, o que compromete a efetividade das intervenções.

Também foi analisado por Silva; Medeiros (2023), uma urgente necessidade de investir em estratégias de educação sexual para jovens, tanto em ambiente escolar quanto nas unidades de saúde, com o objetivo de facilitar o acesso a informações seguras para estimular o senso crítico e diálogo sobre sexualidade. Os autores também destacam que a ausência de espaços

para discussão e orientação necessária colaboram para a desinformação e aumento da vulnerabilidade diante de IST's e casos de gravidez na adolescência.

Além disso, Silva; Medeiros (2023)., ressaltam a importância de uma análise das políticas voltadas a saúde dos jovens, uma vez que às vezes elas apresentam lacunas quanto a implementação prática e a integração entre os setores de saúde e educação. E. enfatizam que os enfermeiros, junto a escola, devem ser reconhecidos como agentes de redução de riscos entre os adolescentes. Dessa forma, o fortalecimento das ações da atenção básica voltadas a educação sexual, representa um compromisso social com o desenvolvimento integral da saúde dos jovens.

Ermitão (2020), em seu estudo, evidencia a fragilidade na articulação saúde e educação como um dos principais impedimentos para a efetiva execução das ações do PSE relacionadas a educação sexual. Traz que atividades rápidas e pouco interativas nas escolas, trouxeram poucas mudanças no comportamento dos jovens. E, levanta como obstáculo a falta da visibilidade do enfermeiro no contexto escolar, sendo visto apenas como profissional a quem recorrer apenas em casa de mal-estar ou doença. Essa fragilidade de articulação entre os profissionais da saúde e da educação reflete a fragilidade da intersetorialidade, elemento essencial para o sucesso das práticas educativas e para promoção integral da saúde dos jovens.

5.3 Falta de capacitação e preparo dos profissionais de enfermagem

Franco *et al.* (2020) relatam a importância da capacitação dos profissionais envolvidos nos projetos de intervenção educativa. Destacando que, a ausência de preparo teórico e técnico pode prejudicar a efetividade das ações voltadas a promoção a saúde sexual e reprodutiva. Os autores enfatizam que é essencial que os profissionais tenham conhecimento prévio e seguro sobre o tema, de modo a direcionar as atividades de forma consciente, ética e de acordo com as necessidades dos adolescentes.

Esse achado converge com os achados de Silva; Medeiros, (2021) que apontam a falta de estrutura e de recursos logísticos e sociais, representa um obstáculo no processo de desenvolvimento de ações educativas voltadas à educação sexual no ambiente escolar. Os autores ressaltam que essas limitações comprometem a atuação do enfermeiro, impondo que esse profissional adote estratégias criativas e inovadoras para estabelecer diálogos construtivos com os jovens. Além disso, destaca a urgência do desenvolvimento de habilidades pedagógicas e comunicativas. Também enfatiza que esses profissionais devem ter um extenso conhecimento sobre as diversas transformações biopsicossociais que acontecem na adolescência, de modo a

entender os riscos e vulnerabilidades para atuar de forma preventiva e construtora frente às adversidades nessa fase de desenvolvimento.

Os achados de Santos; Roso (2024) corroboram com as perspectivas discutidas ao longo deste estudo, ao evidenciarem que as vulnerabilidades e os fatores de riscos presentes no comportamento sexual dos adolescentes são resultados de um conjunto de determinantes interligados. Entre eles, destacam-se o despreparo das escolas e dos professores para abordar de forma adequada os temas relacionados a sexualidade, a limitação e a baixa participação dos jovens nos serviços de saúde, e o acesso a informações distorcidas ou incompletas fornecidas pela mídia ou de experiências informais com amigos. Soma-se a isso a carência de ações efetivas e contínuas de educação em saúde sexual, a ausência de diálogos que abordem os direitos sexuais e reprodutivos, a falta de preparo das unidades de saúde para lidar com a sensibilidade que cerca o tema.

Os autores ainda ressaltam a limitação de profissionais capacitados para atender o público jovem, a inexistência de espaços acolhedores e seguros para discutir a sexualidade, o medo de julgamento morais e éticos e a fragilidade na articulação entre educação e saúde. Diante desse panorama, é evidente que a superação dessas barreiras necessita do fortalecimento de políticas públicas intersetoriais e o investimento de estratégias educativas. É importante que as escolas e unidades de saúde atuem de forma interligada, oferecendo um ambiente de escuta e diálogo, baseado em confiança e respeito.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a superação dessas barreiras requer o fortalecimento de políticas públicas intersetoriais e o investimento em estratégias educativas que promovam a autonomia e o protagonismo do adolescente no cuidado de si. É imprescindível que escolas e unidades de saúde atuem de forma integrada, oferecendo ambientes de escuta e diálogo, baseados na confiança e no respeito às diferenças, assim as ações do PSE serão mais eficazes e significativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, comprehende-se que a escola é um espaço indispensável para a formação de conhecimento e valores. Além de um lugar de aprendizagem acadêmica, ela é um local de convívio social, descobertas e transformações. Nesse contexto, a educação sexual é apresentada como instrumento para um desenvolvimento seguro e saudável, permitindo a compreensão da anatomia do corpo, emoções, sexualidade e direitos, podendo também diminuir

situações de risco – gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis- e reduzir preconceitos.

Nesse cenário, a atuação do enfermeiro se mostra essencial, uma vez que ele atua como orientador e educador, proporcionando diálogo, baseado em conhecimento científico, com sensibilidade ética e compromisso social para elaborar ações educativas que promovam informação, autoconhecimento, autonomia e o exercício responsável da sexualidade. Apesar de todos esses benefícios, o enfermeiro na implementação da educação sexual no PSE ainda enfrenta diversos desafios como barreiras culturais e religiosas, falta de abertura familiar, alta oferta de informações incorretas, pouco interesse dos adolescentes, dificuldade em desenvolver ações educativas, falta de investimento e recursos, dificuldade na inter-relação entre saúde e educação, entre outras.

O presente estudo ao identificar os obstáculos enfrentados pelos enfermeiros, possibilita a criação de estratégias mais eficientes para superá-los. Podendo resultar no favorecimento de ações educativas e do diálogo aberto sobre saúde sexual, a fim de contribuir para a formação de jovens mais responsáveis e conscientes no que diz respeito a sexualidade.

Por fim, estudo pode ajudar na formação continuada dos enfermeiros, melhorando sua competência pedagógica e comunicativa, podendo assim atuar de forma mais eficiente e sensível, elevando a qualidade da assistência prestada. Além de servir como base para aperfeiçoar políticas públicas e as práticas do próprio PSE, orientando gestores e profissionais da saúde na implementação de ações que valorizem o enfermeiro como educador em saúde.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. Casos de sífilis e de HIV/aids aumentam entre homens jovens. Brasília, DF, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-11/casos-de-sifilis-e-de-hivaids-aumentam-entre-homens-jovens>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- BACKES, D. S. *et al.* O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 223–230, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/B4YNT5WFyKmn5GNGbYBhCsD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mai. 2025.
- BARBOSA, M. G. S. Contribuições do enfermeiro a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes na atenção básica: revisão narrativa. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/3005> Acesso em: 02 set 2025
- BARONI, J. G.; SILVA, C. C. B. Percepção de profissionais da saúde e da educação sobre o Programa Saúde na Escola. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 103-115, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/CbyxQ6xsPjX5sgvYsfnRZTh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- BATISTA, M. H. J. *et al.* Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 4819-4832, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23078/18546>. Acesso em: 18 maio. 2025
- BRASIL. Governo Federal. **Plano Nacional de prevenção primária do Risco Sexual precoce e gravidez na adolescência**. Brasília: Governo Federal, 2022. Disponível em: https://www.tjes.jus.br/wp-content/uploads/plano-nacional_camp_gov_fed.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **A saúde dos adolescentes**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21457-a-saude-dos-adolescentes.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente para o controle social no sistema único de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 112 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_sus.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.
- BRASIL, Ministério da saúde. **Programa Saúde na Escola (PSE)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [202?]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse>. Acesso em: 05 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: revisão da Portaria MS/GM nº 2.446, de 11 de novembro de 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 82 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf. Acesso em: 6 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS; 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cart_camararegulacao.pdf. Acesso em: 6 de fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017. Consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 3 out. 2017. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizConsolidacao/comum/250693.html>. Acesso em: 6 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_prom_saude.pdf. Acesso em: 20 maio. 2025.

JUNIOR, A. R. C. *et al.* Enfermeiro e juventudes: diálogo na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 5, p. 2175-2187, 2023. Disponível em: <https://unipar.openjournalolutions.com.br/index.php/saude/article/view/9778/4701>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CIRIACO, N. L. C. *et al.* A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. **Revista Em Extensão**, v. 18, n. 1, p. 63-80, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextenso/article/view/43346/26931>. Acesso em: 4 maio 2025.

COSTA, A. K. F. *et al.* Sexualidade na escola: influência na saúde dos escolares e atuação do enfermeiros. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 65, p. 277-287, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/thiag/Downloads/3120-Texto%20do%20artigo-23075-1-10-20220408%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/thiag/Downloads/3120-Texto%20do%20artigo-23075-1-10-20220408%20(1).pdf). Acesso em: 10 maio 2025.

DOMINGOS, L. F.; DE SANTANA, C. M. L.; ZANATA, C. Adolescência e sexualidade. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 2, n. 7, p. e27538-e27538, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/thiag/Downloads/538+-ADOLESC%C3%8ANCIA+E+SEXUALIDADE.pdf>. Acesso em 02 ago. 2025.

DOS ANJOS, J. S. M. *et al.* A importância do enfermeiro na promoção da saúde de adolescentes no âmbito escolar: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 6, p. e10491-e10491, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/thiag/Downloads/10491-Artigo-118940-1-10-20220625.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2025

ERMITÃO, V. I. A. Promoção da saúde nos adolescentes: a educação sexual em contexto escolar. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/thiag/Downloads/content.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2025.

FITTIPALDI, A. L. M.; O'DWYER, G.; HENRIQUES, P. Educação em saúde na atenção primária: as abordagens e estratégias contempladas nas políticas públicas de saúde. **Interface-**

Comunicação, Saúde, Educação, v. 25, p. e200806, 2021. Disponível em:
<https://www.scielosp.org/pdf/icse/2021.v25/e200806/pt> . Acesso em: 05 jun. 2025.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). Fala, adolescente! Brasília: UNFPA Brasil, 2023. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/fala-adolescente>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FRANCO, M. S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Rev. UFPE on-line** , pág. [1-8], 2020. Disponivel em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/244493/36297> acesso em: 21 set 2025.

KNAUTH, D. R.; PILECCO, F. B. Aids e prevenção do HIV entre adolescentes e jovens em seis municípios brasileiros. **Saúde e Sociedade**, v. 33, n. 1, p. e230789pt, 2024. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/MKQTf5z7KLwZM9wYBYHgMdF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2025.

LIMA, L. S. M. *et al.* Atuação de enfermeiros em espaços escolares. **Ciênc. cuid. saúde**, p. e46343-e46343, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/46343/pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MEDRONHEIRA, S. A. P. E. Promoção da saúde em meio escolar: o enfermeiro e a e-educação para a sexualidade de adolescentes. 2020. Acesso em:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/en/biblio-1369616> acesso em: 20 set. 2025

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 out. 2025.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no brasil. *Interdisciplinary Journal of ciências médicas*, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2021. Disponível em:
<file:///C:/Users/thiag/Downloads/10+ADOLESCENTES+E+AS+INFEC%C3%87%C3%95E+S+SEXUALMENTE.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MORAIS, Jaqueline da Cunha et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva na adolescência. **Rev. enferm. UFPI**, p. e8259-e8259, 2020. Disponível em:
<https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/8259/pdf> acesso em: 24 set. 2025.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012. Disponível em:
<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2012.v17n3/621-626/pt>. Acesso em: 5 maio 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Programa saúde na escola 2007. Disponível em:
<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse>

MIRANDA, L. S. M. V.; DE SOUZA, E. M. Conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos e assistência em saúde. **Revista Interdisciplinar em saúde**, v. 7, p. 775-791, 2020. Disponível em:

https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_28/Trabalho_59_2020.pdf Acesso em: 18 maio. 2025.

MONTE, L. L. *et al.* Programa Saúde na Escola: avanços, dificuldades e desafios na promoção da saúde nas escolas do Brasil. **Revista de APS**, v. 26, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/e26233864/27052> Acesso em: 19 mai. 2025.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; ALENCAR, M. A. C. Pesquisa científica: conceitos básicos. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/390/527>. Acesso em: 05 mai. 2025.

MOREIRA, L. A. *et al.* Compreensão da recorrência da gravidez na adolescência: abordagem qualitativa com o Arco de Maguerez. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 14, p. e5847-e5847, 2025. Disponível em: file:///C:/Users/thiag/Downloads/RPDS+v14_5847_PT.pdf. Acesso em: 10 mai. 2025.

NASCIMENTO, D. E. M.; NÓBREGA, R. J. N.. Sexualidade na adolescência: uma viagem para além do coito. **Revista Científica de Enfermagem**, [S.L.], v. 12, n. 37, p. 287-292, 12 mar. 2022. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/577/596>. Acesso em: 10 mai. 2025.

OLIVEIRA, B. F. L. *et al.* Gravidez na adolescência. Promoção e proteção da saúde da mulher, ATM 2025/1. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Faculdade de Medicina**, 2022. p. 187-204, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/240350/001142904.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. América Latina e Caribe têm segunda taxa mais alta de gravidez na adolescência no mundo. 28 fev. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-2-2018-america-latina-e-caribe-tem-segunda-taxa-mais-alta-gravidez-na-adolescencia-no>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318–325, ago. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 maio. 2025.

RECIFE (Município). Prefeitura do Recife. Dezembro Vermelho: jovens de 14 a 29 anos são os que mais se infectam com HIV/Aids no Recife. 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/30/11/2022/dezembro-vermelho-jovens-de-14-29-anos-sao-os-que-mais-se-infectam-com-hiv aids>. Acesso em: 27 mar. 2025.

RUMOR, P. C. F. *et al.* Programa Saúde na Escola: potencialidades e limites da articulação intersetorial para promoção da saúde infantil. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 116-128, 2023. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2022.v46nspe3/116-128/pt>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTARATO, N *et al.* Caracterização das práticas sexuais de adolescentes. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 30, 202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/rmYbKBLKgLnxWQvJJ5pFDQg/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 20 set.2025

SANTOS, C.; ROSO, A. Saúde sexual e reprodutiva nas adolescências no contexto brasileiro: indicadores, potencialidades e desafios. **Rev Ipsi**, 2024. Disponível em: <file:///C:/Users/CMS/Downloads/67677.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025

SILVA, A. S. N. *et al.* Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 6, n. 3, p. 8-8, 2015. Disponível em: <https://ojs.iec.gov.br/rpas/article/view/253/93>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SILVA, D. C.; MEDEIROS, R. B. P. Assistência de enfermagem na prevenção da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 5, p. 2654-2669, 2023. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9862/4712> acesso em: 20 set. 2025

SILVA, E.C.S; ARAÚJO, R.P.D.A.S; CARVALHO, R.L. L. Epidemiologia da gravidez na adolescência em Pernambuco. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 16037-16044, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/33665/pdf>. Acesso em: 15 fev.2025.

SILVA, L.A. *et al.* Atuação do enfermeiro na educação em saúde pelo Programa Saúde na Escola (PSE): revisão integrativa. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 4, n. 10, p. e4104247-e4104247, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4247/3013>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, S. M. D. T. *et al.* Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, p. eAPE20190210, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/DWD9fVf3Nj6Dx3GVGSCDYrd/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 12 fev. 2025.